

A BIBLIOTECA E A UNIVERSIDADE: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA

O pretexto foi a celebração dos cinco séculos de existência da Biblioteca da Universidade de Coimbra. O documento de 12 de Fevereiro de 1513, no qual o Reitor ordenava que se fizessem obras na Casa da Livraria não é propriamente um sinal fundador. Mas é um sinal inequívoco de existência. Tratava-se, portanto, não propriamente de uma obrigação mas de um ato de vontade: chamar a atenção para uma data que assinala a vida continuada da mais antiga biblioteca do mundo de Língua Portuguesa.

Apesar do significado de muitos outros eventos (sessões evocativas, espetáculos de música e de teatro, ciclos de palestras, debates, edições) sempre quisemos que o ponto alto das comemorações coincidissem com um Congresso de reflexão sobre o papel da Bibliotecas na Universidade do nosso tempo. Uma instituição que acredita em si própria não se contenta com o seu passado, por muito nobre que ele seja, apostando também e sobretudo no seu futuro.

Foi a esse desígnio que tentou responder o Congresso celebrado em Coimbra, entre os dias 16 e 18 de janeiro de 2014. E é ainda a essa mesma necessidade que procura responder o presente livro, composto pela maioria das conferências e comunicações que então se fizeram ouvir no Auditório da Universidade.

Sob os pontos de vista técnico e organizacional, não há dúvida de que a Biblioteca se transformou muito nas últimas décadas. As mudanças ocorridas, porém, não causaram só entusiasmo. Não se podem ignorar nomeadamente aqueles que reagem a essas mudanças com ceticismo, desencanto ou mesmo desconfiança.

E não se lhes pode negar alguma razão: independentemente das melhorias significativas que se operaram no plano dos equipamentos, não deve esquecer-se que a técnica está longe de ser uma metafísica. A tendência para reduzir as dificuldades das bibliotecas às transformações tecnológicas que nelas se vêm verificando não pode sobrepor-se a um conjunto de questões que, dizem respeito aos planos institucional e político. Cito apenas três questões que vêm de muito longe e se projetam para além das mudanças infraestruturais e dos procedimentos correntes:

- qual o papel que hoje se reconhece às bibliotecas no processo de estudo e de investigação, sabendo nós que são cada vez mais os estudantes universitários que nunca entraram numa biblioteca e os professores que nunca recomendam aos seus alunos que o façam?
- como intervir no escrutínio da informação disponibilizada?
- como conciliar o acesso à informação com os direitos de quem a produz?

Com o incremento do acesso aos documentos em regime livre e “em linha” pode pensar-se que as bibliotecas constituem um lugar dispensável ou, no limite, reservado apenas aos mais aplicados. Nessa linha de pensamento, os progressos tecnológicos equivalem sobretudo a uma diminuição de custos no armazenamento, na catalogação e nas formas de disponibilizar os documentos aos utentes.

Esta crença, porém, assenta numa distorção de pensamento. O investigador aspira a ter acesso mais fácil e direto ao acervo e, de facto, torna-se necessário investir na digitalização e na disponibilização dos originais. Infelizmente essa tarefa está longe de ser gratuita ou isenta de riscos. Mas a digitalização não basta. Uma vez digitalizados, os originais continuam a necessitar de cuidados de conservação e restauro.

Num outro plano, os investigadores e os estudantes que hoje procuram as bibliotecas têm direito a encontrar, pelo menos, as mesmas condições de conforto que tinham os seus colegas de há 50 anos. E mais uma vez, esse desiderato não se consegue sem despesas, uma vez que os materiais se degradam e os edifícios requerem dispendiosos cuidados de manutenção.

A Biblioteca necessita, em cada momento, de incorporar documentos

novos, em formato impresso ou digital e isso requer investimento. Em todo o mundo vêm hoje a público cerca de 1 milhão de títulos novos cada ano (cerca de 14 mil em Portugal) e, mesmo contando com o facto de uma grande maioria não interessar a uma biblioteca universitária, resta ainda uma parte significativa que não deveria lá faltar, havendo dinheiro e espaço.

Ao contrário do que pode pensar-se, as bibliotecas continuam, portanto, a requerer gastos e, nessa medida, torna-se inevitável ponderar qual o patamar de prioridade em que as universidades devem situar essas despesas. Trata-se de despesas prioritárias, laterais ou dispensáveis? Por outras palavras, é necessário situar com clareza o lugar que a Biblioteca ocupa na estratégia de ensino e investigação da Universidade do nosso tempo. Esse foi, decerto, o principal repto lançado aos autores dos textos que integram este livro.

O título do Congresso que deu origem à presente publicação foi longamente discutido. Depois de se considerarem várias outras possibilidades, alcançou-se esta fórmula centrada em duas palavras: *permanência* e *metamorfoses*. Reconheceu-se, desde logo, a vantagem de, na disposição contígua em que surgem, elas encerrarem uma tese: a de que a biblioteca da universidade passou e passa por metamorfoses; mas isso não colide com uma importante margem de permanência (e até de reforço) no que toca a algumas funções.

A nossa convicção, reforçada com a leitura dos textos que integram o presente livro, é a de que as bibliotecas universitárias são hoje, pelo menos, tão importantes como foram no passado. A diferença maior é que essa importância era mais facilmente reconhecida no passado do que hoje.

Em Portugal, não se têm feito muitos debates sobre esta temática. Existem alguns contactos entre os profissionais de bibliotecas; mas são esporádicos, quase sempre empreendidos a título pessoal e incidindo sobretudo em questões processuais. Também entre nós pairou essa tentativa: promover um Congresso essencialmente destinado a que uns, os mais *avançados* e apetrechados, nos trouxessem testemunho de práticas mais inovadoras.

Como não poderia deixar de ser, este livro contém algumas demonstrações de boas práticas. Decidimos, contudo, ir um pouco mais além e fazer o que raramente se tem feito: colocar os bibliotecários em diálogo com os investigadores (alunos e professores). Trazer os bibliotecários da universidade para este debate significa, desde logo, dizer-lhes que não são profissionais periféricos e que não se espera deles uma atitude estritamente técnica. Pelo contrário: ontem como hoje, os bibliotecários situam-se no âmago da instituição universitária. É bom que reforcem esse sentimento de pertença à Universidade e à sua estratégia de ensino e investigação. Só assim poderão também quebrar a atmosfera de incompreensão que tantas vezes injustamente os envolve.

Por outro lado, quisemos ouvir aqueles que se servem das bibliotecas. Para o universitário, a Biblioteca não constitui um equipamento qualquer. Não é apenas o lugar onde se vai estudar ou investigar. Entre muitas outras funções, a Biblioteca representa um importante *conceito agregador*, onde cabem os ideais nobres da pesquisa perseverante e séria, envolvendo o manuseamento de fontes, o confronto entre o que julgava saber-se e aquilo que, afinal, se descobre que ainda não se sabia. A biblioteca é, enfim, um espaço de encontro entre cultivadores de vários tipos de saber. Numa universidade ideal deveriam reproduzir-se espaços assim, onde um matemático pudesse falar com um humanista e um físico pudesse contactar regularmente com um jurista.

Ao longo das páginas que se seguem, vai pensar-se a Biblioteca da Universidade; mas vai também pensar-se a Universidade, ela própria.

Para além dos textos das conferências e das comunicações, haverá também depoimentos. O propósito foi o de chamar a depor pessoas que têm com as bibliotecas uma relação mais íntima, porque muito nelas trabalharam, tendo colhido experiências muito diferentes consoante investigaram numa biblioteca antiga ou numa outra mais recente, numa biblioteca possuidora de recursos ou noutra que deles carece.

Os estudos são assinados por nomes escolhidos pela Comissão Organizadora e confirmados pela Comissão Científica do Congresso. Foi possível reunir autores de muitas gerações, de muitas experiências e também de várias latitudes. A variedade que daí resulta faz-nos crer, sem falsas

modéstias, que o presente volume constitui uma peça relativamente rara no pensamento publicado sobre o assunto, pelo menos em Portugal.

A obra que agora se dá a conhecer (e o Congresso que antes se celebrou) só foram possíveis porque muitas pessoas e entidades se revelaram sensíveis aos nossos apelos. É-nos muito grato registar esses apoios, tanto mais que apoiar uma biblioteca não assegura grandes retornos de visibilidade.

Referimos, com muita gratidão, as Fundações Calouste Gulbenkian, Engenheiro António de Almeida e Luso-Americana, o Banco Santander Totta e a Critical Software.

Num outro plano, estamos gratos ao Senhor Reitor e à sua equipa, designadamente ao Senhor Vice-Reitor Amílcar Falcão, que tem a seu cargo o pelouro das bibliotecas. Para além de naturais diferenças de formação e de perspetiva, temos sempre encontrado num e noutro recetividade e compreensão institucional e pessoal; sentimos que partilhamos com ambos uma ideia de Universidade onde cabem a exigência, o escrutínio, a perseverança e o culto do rigor. Ambos nos têm escutado e nos têm dito que a concretização dessa ideia não é possível sem boas bibliotecas.

É devida igualmente uma palavra de apoio a todos os nossos convidados (incluindo os moderadores de sessão, que tão bem corresponderam ao nosso pedido para incentivar o debate). Muitos deles tinham já reflexão publicada sobre estes assuntos mas, independentemente do seu trajeto e da área disciplinar de que provêm, todos confluem em torno de um mesmo estado de espírito: acreditam na universidade e prezam as bibliotecas.

Esperamos sobretudo que em Coimbra possa nascer aquilo de que, afinal, as bibliotecas universitárias neste momento mais carecem: a consciência de uma identidade comum, onde exista lugar certo para a partilha e para a esperança.

ANA MARIA EVA MIGUÉIS

CARLA ALEXANDRA SILVA FERREIRA

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES